

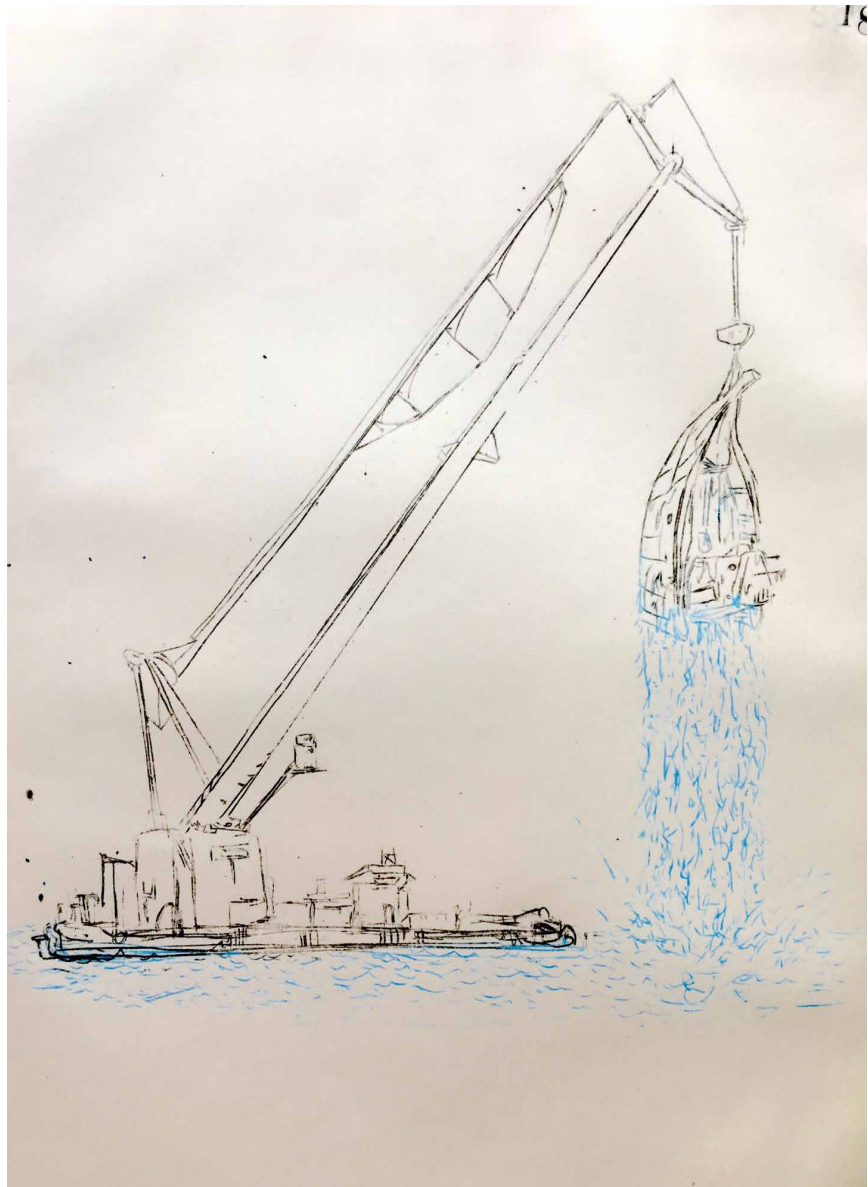
Porto Neblina por Dentro

Porto Fog from Within

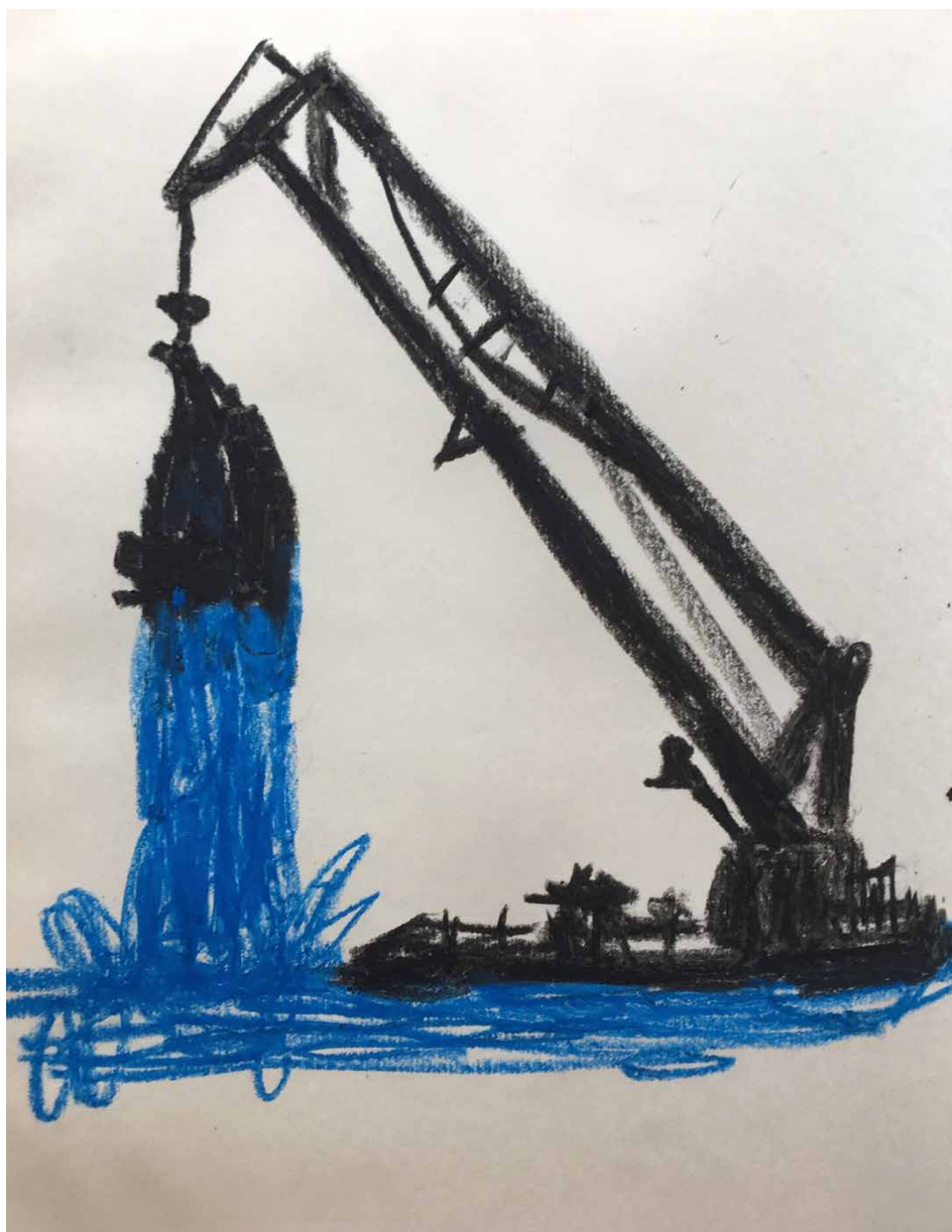
Maurício Adinolfi

Doutor em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Unesp, com intercâmbio e residência artística na Escola Superior de Educação, pelo Instituto Politécnico do Porto, em Portugal

PhD in Visual Arts from the Institute of Arts at UNESP, with an exchange program and artistic residency at the School of Education, Polytechnic Institute of Porto, Portugal.



a chuva incessante no mar no pátio no
cachorro na janela no telhado
um cheiro molhado



o corpo todo
 três semanas sem parar de chover
 dorme-se acorda-se com o barulho da chuva os pingos
 duplicados
 arrasto o barco pelo mangue

pelo rio do meio
 pelo meu braço esticado um peixe pausa
 arrasto o barco
 do seu interior encharcado restituo
 arrasto o barco



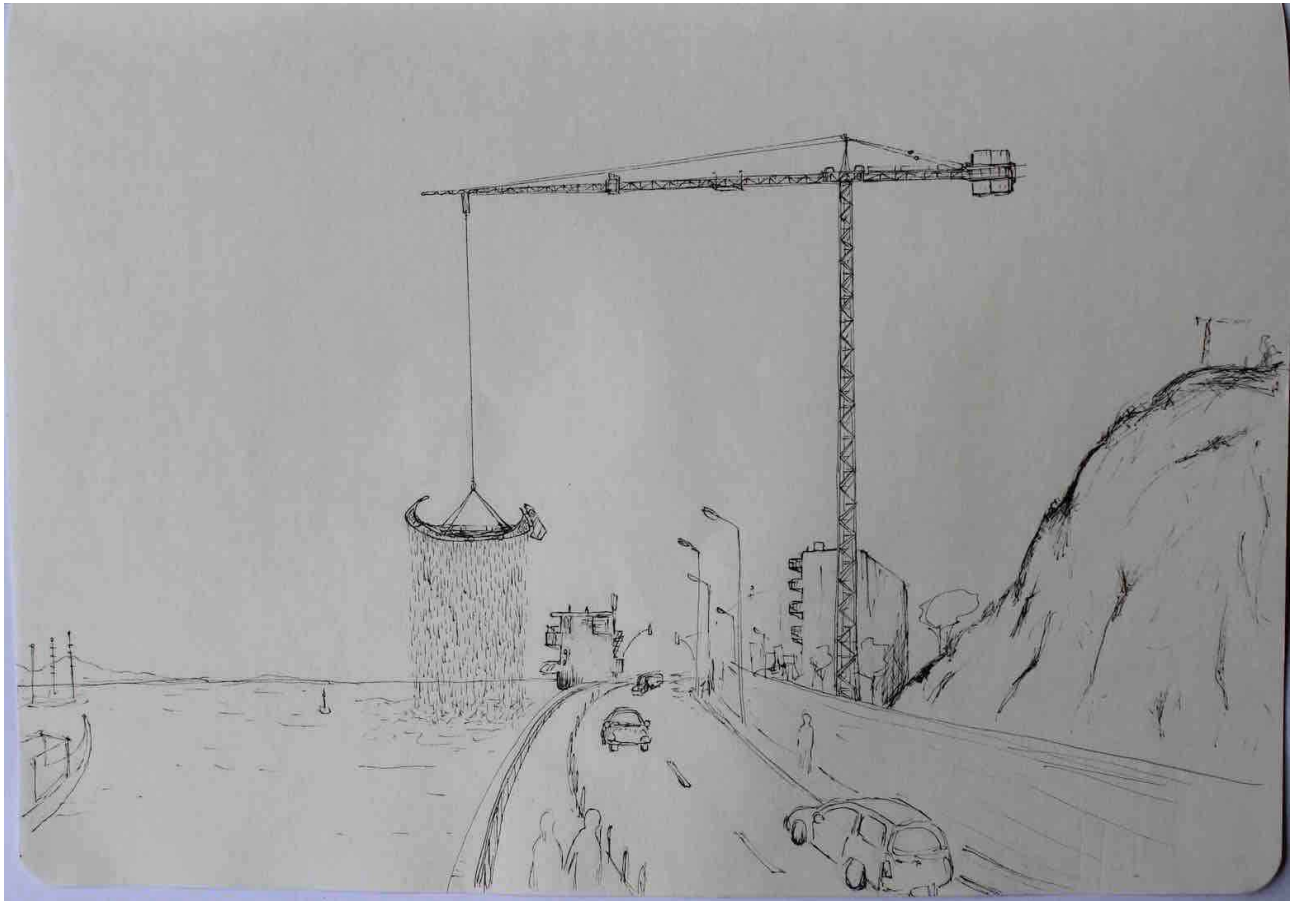
caronte derrame subo o monte de dentro
 como todo fruto que aparece
 do mar encontro o que reluz
 sob a água
 mudança de cor dentro dos olhos
 são anos construindo a obra são anos de chuva

e o motor que impulsiona é remo vento vapor explosão
 correnteza maré ondulação racha no fundo do oceano
 coração
 escuto desse fundo
 tromba d'água despeja a sentença
 "chuva no mar é desejo"*

escapular
giro os braços adormecidos arrasto o barco tomado pelas
cavernas
suspense o barco
um silêncio de nuvens me encontra na apreensão da queda
sempre o medo que te acorda na hora certa
arrasto o barco
no alto uma balsa flutua suas toneladas
na perna um enroscado de algas submerge a intenção
carrego o barco coluna costela
desejo navegar no canal de Bertioga algo despeja
é a mão que constrói o verbo

...

de quando eu colocava barcos de papel no canal 5
de todo antes que conforma a vida
como do primeiro encontro com a baleia e a frase riscada na
mureta do porto "chuva no mar é desejo"*
assim como um canto olho todo barco que chora
penso nos caminhos na floresta da serra do mar nas
comunidades no barco construído na água nas indústrias no
movimento portuário na política na poluição no urbanismo
na vida
e tudo volta à frase entalhada "chuva no mar é desejo" *
frase do poeta Flávio Viegas
desenho o projeto prevejo o cronograma arquiteto as
equipes leme do barco e quilha
Não durmo
determino o local desisto encontro o lugar
Empilho barco balsa e guindaste
Empilho o mar.



a cada dia eu sentava ao lado do barco tensionava um a um os cabos de aço só pra ouvir estalos bulício da madeira canto da jubarte murmúrio cinco metros de mandíbula três metros de costela cinquenta e nove vértebras Hades apavorado o encontro com as filhas no prostíbulo foi estranho mas mantivemos as aparências bebemos juntos falamos à boca miúda à meia luz os músicos que tocavam ao lado do bar choravam entornada paixão estátua de sal coração de areia pulmão asfaltado nem tudo o que reluz mercúrio percorro o

caminho do barco sob o porto túnel caverna bacia do mercado desafio de não olhar para trás o corpo presente da fé discorda do pessimismo - sem ira sem contenda sem MauHumoR - encontro a voz da velha que reafirma: toda discórdia vem da ilusão Isto dito disparo quisto tumor galinha e horizonte façanha que guia tua mão irremissível corpo solto na vazante planta destruída rio soterrado sol que se esconde caucasiano chinês turco retirante rato no sopé do navio contramestre no costado convés e falta proa derretida

sou do tempo dos nascimentos fui eu que dei o primeiro nome a uma figura da terra e nomeei também os homens e também seus sobrenomes criei por valentia dor horror covardia não me importa a preguiça fui um dos filhos aspérrimos do mar e quantas mulheres tomei achava assim que abraçava o céu ou qual outra grande montanha o nível de água nas canelas mudança da correnteza liso e estanque tento assim sobrepor o peso na areia recuo respiro está tudo claro e encoberto pelo sal sob superfície vejo a história vejo o lodo vejo a ossada do tempo perto do fundo sim pra levantar o sol

duas proas para fora o duplo no mangue verdade e ficção qual fundeamento de Veneza armadilha de lagosta cauda de peixe

demanda de orgulho para construção do dique proceder à vontade causa confronto do asfalto que absorve queimo um pouco os olhos a cada palavra que leio beijo o cão e sincero amor organizando a vida em torno da lua e da maré barco de pedra

canoa de pau

baiacu

vento noroeste

sambaquis

primeira intervenção do calafate os joelhos dobram na umidade que chega do oceano o ato de um buraco no rio a dor no peito o fundo vazio entre as costelas seu calção vermelho rasgado é necessário refazer os reparos massa formada engodo junção estado homogêneo estalos da madeira carbonizada mecanismos internos movimentos ventos alísios lodo que chora riscado até o infinito de ódio e predisposição para o mal engavetado acarretado de balbúrdia e impaciência velo o sono da criança construo seus brinquedos ajunto a roda que ciranda cato do chão decepções esquecidas silencio diante dos casais perda de tempo garganta do diabo a remar perto do redemunho as facas afiadas pedras na ponta do penhasco as lâminas só lâminas chamado pra briga na esquina o estudo da previsão abro a boca sugo o ar o cheiro da gasolina relembra o acidente nascer crescer morrer a gasolina queima as amídalas o cheiro trás cortina de traças o vômito a luz o suor estancado no muro cabeça entortada alma entortada carbonização tudo continua preenchido aqui como areia entre os ossos todo

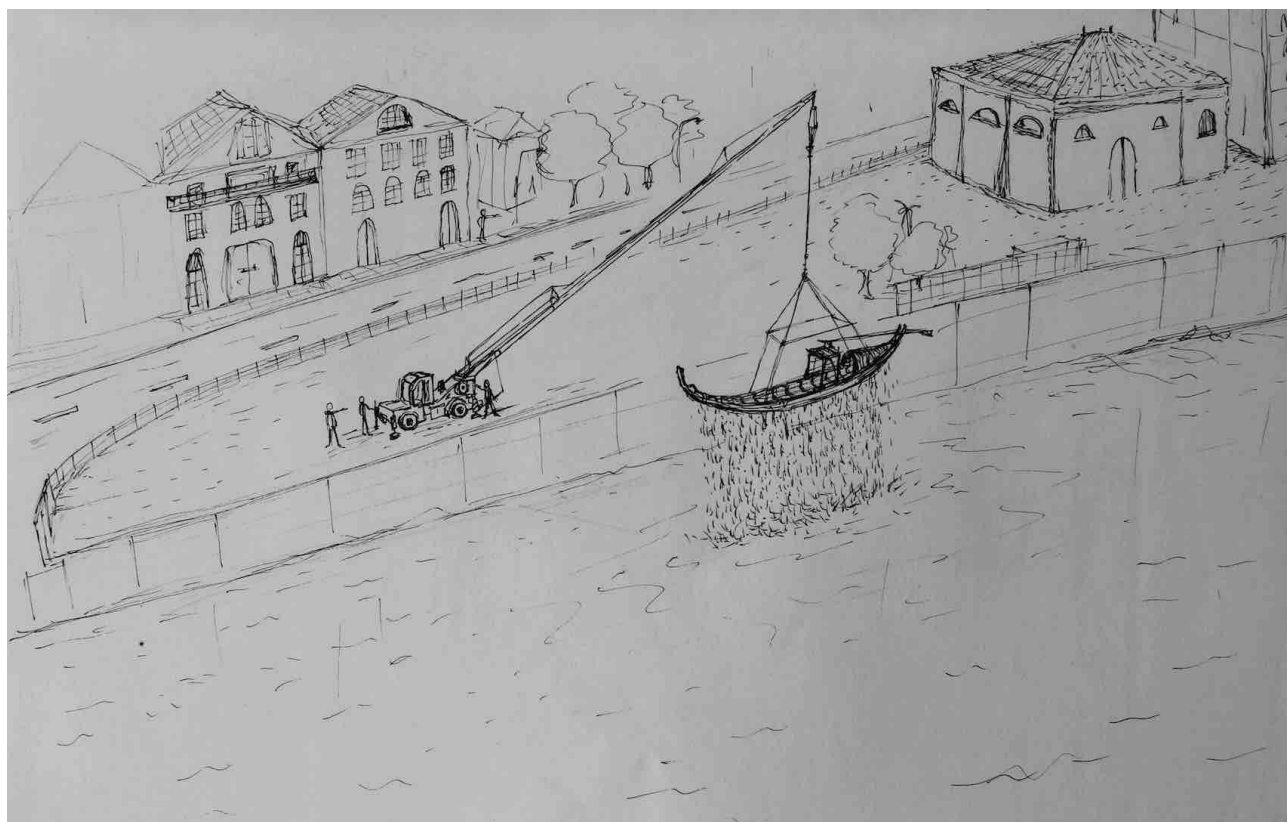
cheiro que não é meu a costela que tomou meu ombro as vértebras de baleia que nasceram em minhas costas pois então _ meu peso aumentou significativamente costa sudeste em desalinho salmora aos sóis dormente vida criada na praia nos cantos das encostas no prêmio recusado na dor esquecida no livro limiar do levante escracho entornado armação desmascarada no truísmo dos pescadores pés rapados no asfalto que beira o mar Enfileiramos quarenta pontaletes carcomidos os mariscos tiramos das próprias pernas durante nossa adolescência construímos a ponte que atravessa a entrada do porto dissipamos mãos desarmamos não mas o desterro continua apesar do aterro do mangue quilômetros aterradores de borracha sob o estuário levanto o estorvo em protesto é minha a testa que estapeiam como num teste de tolerância endireito o corpo novamente levanto o mal na bandeira eu não fui feito pro amor amasso pedaços do céu como papel enfileiro ais Ás de copas enquanto destoar espaços na barca se faz necessário juntamos nossos pares que o encontro precisa fazer sentido juntamos todos que nos conheceram no início _ ímpar no gesto do nascimento no lugar do verão

como não sabemos dos encaminhamentos das amizades continuamos a lutar empunhar salivas desenhar com remos aguar os delírios desejos encantos o fêmur urgente regela queria não desdizer a palavra esperança mas toda a experiência da infância retirou o significado das frases na cartilha o cheiro do alimento nas paredes do recreio carcaça dos trabalhos o vazio entre as palavras para preencher a angústia da lancheira vazia o embrulho de alumínio, ou seria estanho? chora pequena que os encontros no fundo da escola vão permanecer no mundo vão se alastrar nos impiedosos vão crescer qual seus ossos dentro da pele esticada sua cabeça já pesa mais o influxo mudou o conforto já nunca existiu nada não tem dor sustentação dos caibros o lençol esticado no chão a condição de toda instalação no mundo o beijo da mãe no escuro o silêncio do não o cigarro do pai no banheiro o rádio que anunciava o dia e a repetição do tédio do espelho do cabelo do nariz que crescia do suco que azedava do leite derramado da curva no céu da mesa torta arrastada sobre a memória do grito dilacerado do desmaio da irmã seu olho branco sobre a manhã ainda virgem ainda sonho ainda pura sem sentido vazia desnomeada o ruído vermelho dos uniformes a ignomínia dos olhos o desvão desvio

a cabeça enorme gorila albino escroque fetal infantil carinho
perdido o vento entre eco norte quente seco oeste revira
o barco levanta areia a saia a nuvem o mar o cais então
revirado revisto olhar do sal no olho

é tudo estorvo a rua avenida a árvore desfolhada o chão
desalmado tomba o cão cego no cio e a velha desarvorada
carrega o peixe na nuca quase dentro do peito seio murcho
cheio de tudo que o vento apreendeu com ela pois é sempre
a história de toda vida nos anos que estivemos na terra
esteira do piso assoalho de madeira da canoa caá-içara da
casa de areia e barro seco ossos e cascos de tartarugas flores
de sal pétalas velhas folhas de caderno de receitas de frutos

do mar navalheira sapateira caranguejo mariscada entoadada
com viola e círculo de peixeiras revestidas de refugos
ostras e conchas molhadas onde montamos nossa estrada
de cordas navais sujas azuis pegajosas estridentes oleosas
resolutas moliscos entaves descartes pela balastrada briga
no convés morte no porão corpo atirado a estibordo
apressamos a remada mingamos a tripulação para atravessar
as balizas arraias boias _ faróis verde à direita vermelho à
esquerda escuro ao fundo juro profundo judiaria esconjuro
desacretido a ondulação que aproxima comunidade reunida
ao fogo na praia descascando mexilhão arcaboijo bambu
estirado



é lua e linha

PORTO NEBLINA POR DENTRO

o mar que pode ser o mergulho que pode ser a profundidade que pode ser a rocha que te bate a cabeça que pode ser a dor e o sangue que lado outro pode ser que ser pode a água inaugurar que de peixe passa a ser o farol que é totem qual que ser torna-se pau piu prova o som que ecoa cova cave pé pão proa o que levanta pó que sustenta susto que sol que apruma um bulbo corta o norte corta a nuca e te espinha a medula arrasto qual bicho geográfico na dureza da pele seu domínio sua casa varrida em movimento se sendo a forma de longe se onda sísifo se desdobra se cor de céu uma praia infestada de parasitas sem horário certo para chegada ou partida dos barcos uma ilha escalonada um relógio quebrado

mão que tapa

rabelo amêijoas que impõem mestre de primeira água bateira construída em terra pequena tosca mas airosa embreada a negro e de bica de proa caracteristicamente levantada menos atrevida com um comprimento de 29 metros boca de um metro e 82 centímetros pontal com 53 centímetros e 27 cavernas navega a remos à vara ou à vela e dedica-se à antiga singular e engenhosa arte do salto Depois da vela bastarda aderiu à moda da vela latina quadrangular auxiliada por um pequeno leme de xarolo de cabeça direita tipo mercantel sobretudo característica do escuro, expandiu-se pelo país através da diáspora de gentes da região – para sul integrando-se na saga dos avieiros e mesmo até onde não há vento ██████████ ode para o norte até congelar límpido farol de nazaré

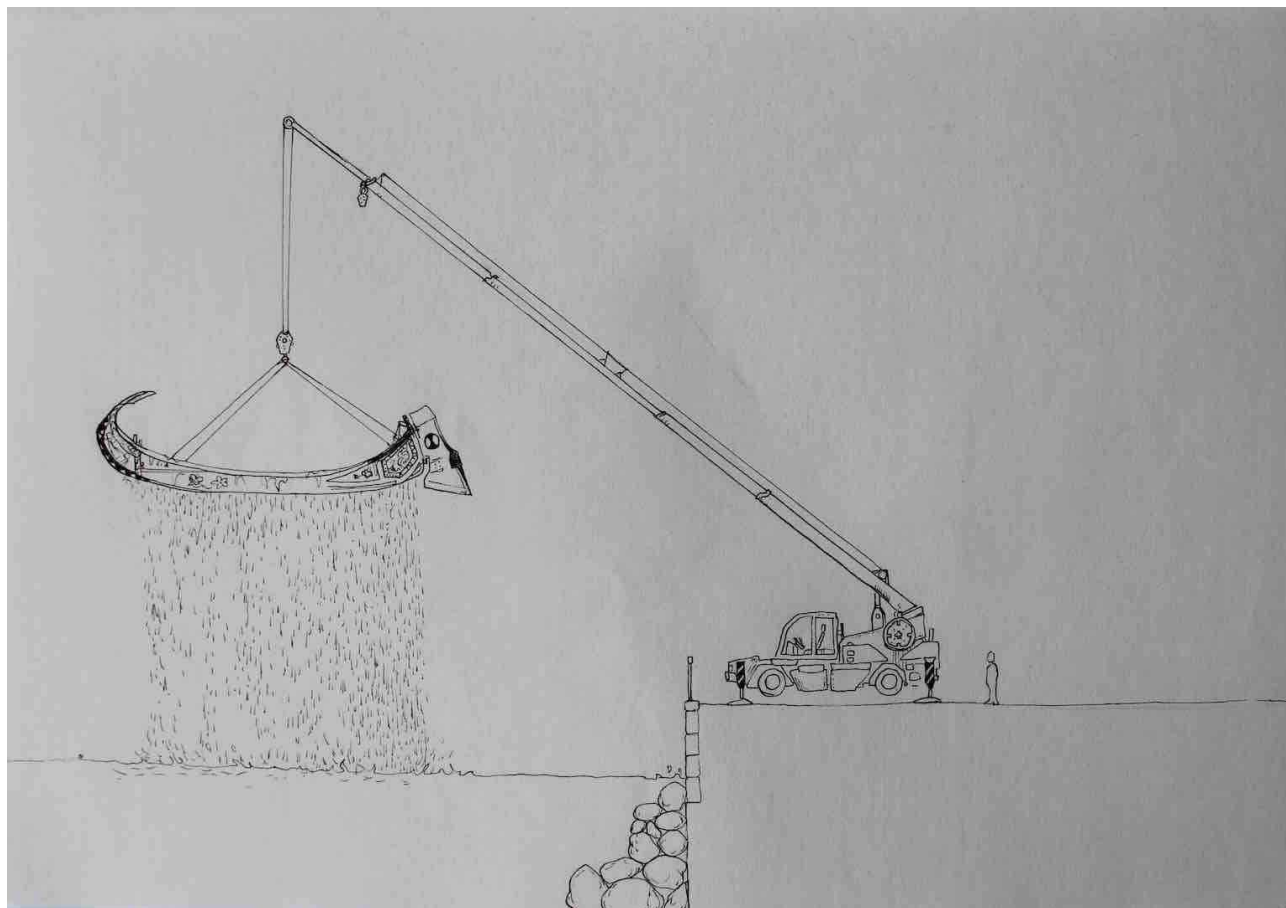
sentado na mesa o deabo ao lado a realizar estratégias futuros durante toda a vida a cristalização do meu acordo juvenil amarramos o fio no pedaço de telha arremesso a direção que se forma é o caminho o lugar que cai não se encontra é furo e futuro é fim e desmedida vã sujeito antibarco que se edificou irracionalmente acolher a razão mercúrio zinco chumbo cromo cádmio arsênio bário cobre ununséptio oulipo barcorevoltado 02 dias de nada de linha não traduzida chapa encostada pra construção da ponte as coisas amontoadas da vida o cotidiano que vira pedra pedra que eu construí ao nascer o que sustenta

queria dizer sempre do lugar claro mas a poeira não deixa talvez por isso a sistemática da limpeza ajude em algo mas tudo vai pra algum lugar e que lugar não é abordado o lixo entulho detrito refugo _ cisco o aterro logro ardil tramoia astúcia gordura de baleia no meio o que enxerta copo quebrado a mesa do bar a parede e o azulejo sujo a pintura inacabada bola preta que assola - metade - partida esfera - epepeia

já não há mais sentimento ou pelo menos não há mais o que falar ou escrever só se diz sentimento com massa cimento ou se escreve com cascos de cavalo carapuça de tatu pelos grades fio metal farpado só se escreve sentimento com farpas cascas de frutas restos de cigarro ou se escreve com uma ponte partida ferro oxidado aço fundido - quer ver forma? não há não há palavra que resista obstinação procura de três faces não há o que contar não há história possível não sei não há não há o que consiste dizer o outro aquela pessoa aquele outro não há o que se dizer número não se pedra no torto não se pessoa não se tudo feito o linho algodão não se tecido por dentro o nome escrito no barco: travessia enquanto se navega em direção aos escolhos um grito como penhasco o sopro da gaiivota guincho de dentro é sino e sol incide perpendicular quando os fatos se tornam lenda armada estaca na areia dois palmos do céu que consta distância oito braças à ré em cruz despacho desperto armado caixote e eu passo esticado fio fino de ovelha queimado preto fascinante curva é o estalo e o desenho talhado em toda barriga a cabeça com olho mira o sol atrás está a cabeça e o corpo do cão hiena enorme e atrás ainda o peixe que se posiciona rente à nuca do lobo pelo e escama escama e pele é essa a tripulação 27 cavernas 29 metros até a proa - de que forma tocar a terra? - qual parte do corpo eleger pra tamanha responsabilidade? outro animal se aproxima não sabe bem quais patas usar qual postura tomar diante do acaso se sê bípede ou quadrúpede e no ar que tomo me aproveito da leveza envergo a espinha pra olhar ereto ou segredo o peito ao chão silêncio deslocado da captura ombros de jaguatirica atíça que me faz olhar transverso tocando a parte certa do cérebro a rotação incessante dos planetas aproximação e distância reverso e limar afiar lixar polir envolver o que toca a

ponta do dente a primeira árvore cortada e escavada o signo
a flutuação enfiar tudo que há pra dentro alcatrão piche
coentro breu vidro e atravessar

pedir trigo e receber vão
até onde ontem
calafetar sempre



conto as pedras conto as ondas monto meu teorema pra
organizar o oceano e invadir a casa meu barco meu asilo meu
baú [redacted] conto o tempo entre as ondulações o número de
vagas o impacto calculado na rocha a matemática precisa pra
me atirar aturar o golpe entre a onda e o concreto Escolho
esse Entre esse ponto essa brecha Sou a viga e o pilar Sítio da
pancada inconteste [redacted] é a
poma que avoluma esse peso esse muito essa caixa repleta
excessiva esse tanto que satura tudo que é maciço essa
história sólida ser tombado [redacted] o sol que
batia de lado enfatiado na horizontal da manhã, breve
prenúncio do dia cinzento A promessa da chuva Uma voz
desenhada grave com camadas de óleo e minerais uma voz

quase ópera quase trágica um quase sol uma história de
quases de projetos não cumpridos quase o branco dentro
do quisto quase negro uma quase felicidade quase se torna
verdade [redacted] fica no meio da passagem as
madeiras amarradas o estertor da corda na beira fincada
a maré baixa revelada pelo quase sol Esse risco redondo
captado no espaço Quase nascer - essa
superpopulação - e é tanta planta tanto mato tanta grama
muitas vacas e o boi que arrasta o barco dócil ciente e
contente que é tanto capim e os dias de engorda e é quase
sol [redacted] uma tinta revelada na luz que só é
pelas duas cores sobrepostas e é quase estrutura significada
como escolher entre as verticais certas o quadrado perfeito

que tudo organiza o borrão o suspiro a visita aguardada aguardante [redacted] ter uma poltrona pra visita pra ressaca pro rabisco esse quase quadrado que quarteto quatro pontos quase certos senão labirinto o caminho da mão essa ponta extrema quase fim pois a unha que não cessa quase em mim [redacted] a água que entra e desce o estômago rins veias ar vesícula que toma o lugar de tudo|||||escrevo traçando linhas com a régua paralelas uma a uma muito próximas retiro o vulgar da bancada o couro Só escrevo geometrias [redacted]

me coloco nu ao talho do vento qual vela estendida na tormenta o nu encharcado o corpo gelado bambeia e me apoio num vidro que se parte [redacted]

fibras de vidro que compõem minha pele iluminada que é toda água endurecida milhões de linhas Mastigo chama pedra em brasa e carvão uma boca de piche [redacted] passo de um escuro a outro até perceber um pouco de amarelo da luz corrente o coro acompanha como numa igreja de blocos de pedra antiga velha quinquilharia quilha que atravessa ilha minha filha já morta meus filhos não nascidos e o bloco absurdamente largo espesso que despreende dos bagos esse monstro acariciado que calcula o espaço possível das palavras [redacted] pedaços do tempo [redacted] uma bola de fogo no céu da boca uma goela em chama a boca e seu gosto tomado do fogo um céu quente que já não é matéria sensível é novamente oceano e circunferência pressão em aumento ondulação de leste coeficiente de marés ah círculo interminável ah vento que despenteia é como querer reclamar do vento que segura ou empurra risco interminável desnecessária incompreensão vulto distante da mulher amada O retrato no espelho e a dança incompleta no bar enquanto tudo que toca é música imersão e embriaguez [redacted]

não me acostumo à água engarrafada industrial busco o que corre nos bueiros descansa nas poças da rua enegrecida nas encostas de granito [redacted] seja lodo água musgo água suja quero a água que brota ou roubada qual gato lambendo asfalto rosqueado no mato [redacted] mas não bebo nada é a água que me tem [redacted] as coisas prendem-se todas a mim|||||a pedra cortada com exatidão na medida dos braços [redacted] o arco erguido sobre a nuca o vaievém não

quero corpo de aluguel a fome da luta não quero não existe como não é fato o desfeito marco a cruz a estrela no fulcro na praça a direção apontada no farol Esse ferro que treme nas costas o fardo que ondula o trilho e o eixo da virilha é máquina pesada é o ferro por trás da planta o ferro que esteia é aparato é roda imensurável dispositivo de tortura [redacted] artefato da fasquia mais alta visível nas bandeiras mastros desejo no sarrilho [redacted] temos assim nossa formação ígnea carregamos no interior dos ossos mica branca e mica preta divisão altamente perfeita [redacted] depósitos marinhos proeminentes capacidades de frequência isolantes de alta tensão Polarizamos ao longo de planos sucessivamente paralelos sonata nº12 in C minor Op.27 adágio sostenido prelúdio [redacted]

me recolho nos buracos dos corais são dias até desenvolver minha segunda mandíbula [redacted] as bactérias que cultivo nas glândulas salivares já suficiente veneno - tetrodotoxinas que partilho com os baiacus e caramujos conus [redacted] e quando a gente descobre o que quer sabe exatamente no mesmo instante que aquilo fugiu sumiu da vista o que estava rente em frente fica fino do tamanho das frestas breu ou algo que queime [redacted] ah o levante privado bocaina palato vulcões [redacted] as unhas amolecidas desfazem líquido rêmoras fixadas nas tíbias tendões mordiscam a pele morta [redacted] filamentos se alongam das batatas da perna como raízes de tubérculos que balanço [redacted] uma caixa de chuva uma cave de visco fricção aspereza são dois toques diferentes do dedo um papel liso encerado um bastão incandescente uma cratera oleosa [redacted] baixa-mar oito minutos de queda o escorregar o limo liso uma ponta a não fixação do outro pé o olho no tombo na perna quebrada a unha negra a distância do erro vão entre as pedras ofensivas quantos ressaltos onde pousar||o braço aberto a mão sem certo alvo ir pra trás ou pender fratura exposta fissura funda lanho na cachola perna enfiada lascada a unha pressionada pelo peso do grito imundo ganido bramido A salvação [redacted] preia-mar e a chuva instala-se no espaço contínuo do meu movimento na ribeira oxum acompanha o rio e a mim e a pintura hoje acompanha e realiza a única possibilidade da poesia é como voltar às primeiras ondas é como a procura dos artefatos rupestres uma ação arqueológica na cidade nos destroços da caçam-

ba aos terrenos baldios dos escombros desprendidos das pessoas do ferro torcido restos de pele pedaços acho que aço e alumínio e desfaço os antigos acordos ■■■■ quero a cor própria o pigmento primeiro a raiz a seiva o número primo a criação do zero ■■■■ Sei dos trocadilhos debaixo da terra sei vaziar o que acumula e simplificar a superfície acho a madeira encontro o veio o nó amenizo as arestas pra envolver o pano liso o linho puro ou maculado a poesia manuscrita ainda é feita de barro - o que se escreve ao contrário? o som das esferas o espaço conquistado - onde se encontra o retorno? a linha o ponto a superfície do lago e a profundidade entrevista qual canhão de Nazaré e a destruição da orla|||||tantas vezes desistido o ato de riscar as escarpas a subida do monte e o mergulho - qual a distância das ações? enfim da baixa-mar enunciando o velho massivo

não sabemos a forma do que matamos não sabemos o que realmente morreu ou não sabemos o que é morto mas sabemos da escuridão total material do mar ao fundo essa pavimentação nova de ossatura que realizamos para caminhar um cisco pode causar a morte mesmo num ato de puro prazer como abrir a escotilha pra sentir o vento sub-reptício sistematizar o calendário impossível do mar

tábua de marés barco manifesto

arqueologia na grande meia-noite

e tudo o que espero imóvel e sensato com o pé já submerso tudo submerso e a maré ainda toca mesmo debaixo de toda água e essa radical adaptação do organismo ao novo meio nova pressão o enrijecimento do tímpano já realizada manobra de valsalva já tenho total domínio da descompressão não mais pulmão primitivo ou pleura as brônquias aumentam reiteradamente já não necessito colocar o que era cabeça pra fora d'água já era o tempo de se enterrar na lama ectotermia completa

Texto e desenhos de
Maurício Adinolfi

